

temas formativos

ca dos redimidos pelo sangue do cordeiro» mas, por vezes com dificuldade, reconhecemos a distância que nos separa desse ideal de santidade, dom e privilégio. Vivemos esta luta entre o que Deus nos chama a ser e queremos ser - cristãos e franciscanos -, isto é, santos segundo a nossa vocação, e a nossa realidade de criaturas frágeis. Queremos ver cada vez melhor a nossa realidade como primeiro passo para nos colocarmos a caminho na concretização do ideal a que Cristo nos chama.

RUMO À PÁScoa

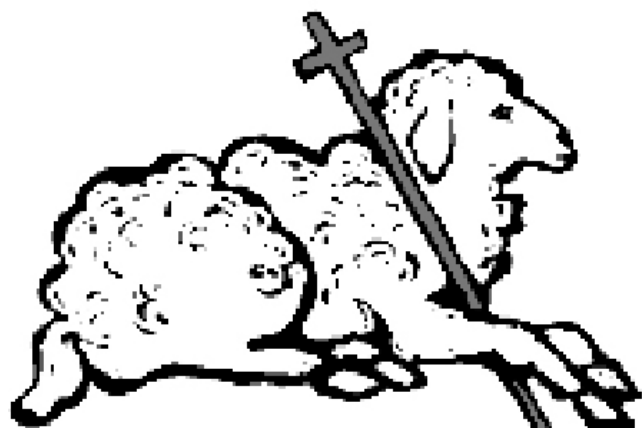
A partir de realidade que cada um vive, queremos ser as mulheres e os homens que Deus sonha, acolher e realizar esse sonho que queremos seja também nosso. Queremos correr essa maratona da vida que nos toca viver do jeito que Deus quer, em busca desse troféu imperecível «que a traça não destrói nem o tempo enferruja» e nos está reservado.

Para conseguir troféus perecíveis o atleta impõe-se privações várias e treino árduo. E nós, que fazemos para alcançar essa meta gloriosa?

A Igreja propõe-nos o tempo da Quaresma como «tempo favorável, tempo de graça» em que, pela oração, esmola e jejum, abrimos o coração a Deus e aos irmãos.

Como franciscanos, “irmãos e irmãs da penitência”, de tau ao peito, não esquecemos que nos comprometemos pelo Batismo e Profissão pública a viver em permanente estado de conversão, de renovação.

A oração coloca-nos diante de Deus para descobrirmos a sua vontade. O Jejum ajuda-nos a dominar os nossos impulsos, a disciplinar a mente para executar a vontade de Deus que se nos vai revelando na oração e nos acontecimentos. A esmola leva-nos a abrir o coração a todos os necessitados de bens materiais e espirituais, numa vida vivida e gasta em permanente doação aos outros e escuta do «Filho muito amado» que nos diz: «não temais». Na planície da vida esperam-nos dificuldades, problemas, irmãos necessitados. «Não temais, eu venci o mundo» e, comigo, todo aquele que se der até ao fim. Como Francisco continuamos a rezar: *«Ó glorioso Deus altíssimo, concede-me uma fé verdadeira, uma esperança firme e um amor perfeito a fim de que cumpra o sagrado encargo que me dá».*



Maio - Amissão: 1º ano da visita do Papa

O papa Bento XVI esteve entre nós há um ano. Criou expectativas, encantou, entusiasmou, interpeleou no sentido de sermos fiéis hoje ao nosso baptismo, cada um segundo o seu estado de vida. Há um mundo a construir, uma missão a assumir.

Do Evangelho de S. Mateus (28, 20):

«Ide fazer discípulos de todas as nações, ensinai-lhes a cumprir tudo quanto vos mandei. E Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos».

Bento XVI, no Terreiro do Paço, comenta assim as palavras de Cristo:

«Estas palavras de Cristo ressuscitado revestem-se de um significado particular nesta cidade de Lisboa, donde partiram em grande número gerações e gerações de cristãos, obedecendo ao apelo do Senhor e armados simplesmente com esta certeza que lhes deixou: «Eu estou sempre convosco». Glorioso é o lugar conquistado por Portugal entre as nações pelo serviço prestado à dilatação da fé: nas cinco partes do mundo, há Igrejas locais que tiveram origem na missão portuguesa.

Nos tempos passados, a vossa saída em demanda de outros povos não impediu nem destruiu os vínculos com o que éreis e acreditáveis, mas, com sabedoria cristã, pudestes transplantar experiências e particularidades abrindo-vos ao contributo dos outros para serdes vós próprios, em aparente debilidade que é força. Hoje, participando na edificação da Comunidade Europeia, levai o contributo da vossa identidade cultural e religiosa. De facto, Jesus Cristo, assim como Se uniu aos discípulos a caminho de Emaús, assim também caminha connosco segundo a sua promessa: «Estou sempre convosco, até ao fim dos tempos». Apesar de ser diferente da dos Apóstolos, temos também nós uma verdadeira e pessoal experiência da presença do Senhor ressuscitado. A distância dos séculos é superada e o Ressuscitado oferece-Se vivo e operante, por nós, no hoje da Igreja e do mundo. Esta é a nossa grande alegria. No rio vivo da Tradição eclesial, Cristo não está a dois mil anos de distância, mas está realmente presente entre nós e dá-nos a Verdade, dá-nos a luz que nos faz viver e encontrar a estrada para o futuro.

Para isso é preciso voltar a anunciar com vigor e alegria o acontecimento da morte e ressurreição de Cristo, coração do cristianismo, fulcro e sustentáculo da nossa fé, alavanca poderosa das nossas certezas, vento impetuoso que varre qualquer medo e indecisão, qualquer dúvida e cálculo humano. A ressurreição de Cristo assegura-nos que nenhuma força adversa poderá jamais destruir a Igreja. Portanto a nossa fé tem fundamento, mas é preciso que esta fé

Junho - Santo António e a evangelização

se torne vida em cada um de nós. Assim, há um vasto esforço capilar a fazer para que cada cristão se transforme em testemunha capaz de dar conta a todos e sempre, de esperança que o anima (cf. 1 Pd 3, 15): só Cristo pode satisfazer plenamente os anseios profundos de cada coração humano e responder às suas questões mais inquietantes acerca do sofrimento, da injustiça e do mal, sobre a morte e a vida do Além (11 de Maio de 2010).



Mensagem de Bento XVI no Cinquentenário do Monumento a Cristo-Rei

«Na sua função de santuário, seja cada vez mais lugar para cada fiel rever como os critérios do Reino de Cristo estão impressos na sua vida de consagração baptismal, para fomentar a construção do amor, da justiça e da paz com intervenções na sociedade a favor dos pobres e oprimidos, para centrar a espiritualidade das comunidades cristãs em Cristo, Senhor e Juiz da história» (11 de Maio de 2010).

Discurso de Bento XVI na Bênção das Velas no Santuário de Fátima

«No nosso tempo em que a fé, em vastas zonas da terra, corre o perigo de apagar-se como uma chama que já não recebe alimento, a prioridade que está acima de todas é tornar Deus presente neste mundo e abrir aos homens o acesso a Deus. Não a um deus qualquer, mas àquele Deus que falou no Sinai; àquele Deus cujo rosto reconhecemos no amor levado até ao extremo (cf. Jo 13, 1) em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Queridos irmãos e irmãs, adorai Cristo Senhor em vossos corações (cf. 1 Ped 3, 15)! Não tenhais medo de falar de Deus e de ostentar sem vergonha os sinais da fé, fazendo resplandecer aos olhos dos vossos contemporâneos a luz de Cristo, tal como a Igreja canta na noite da Vigília Pascal que gera a humanidade como família de Deus» (Fátima, 12 de Maio de 2010).

Leitura, comentário e partilha

A Igreja ao canonizar e propor aos cristãos ao longo do ano litúrgico a festa dos santos quer sobretudo apresentar-nos modelos de caminhada na fé, modelos de fidelidade à graça que o Senhor deposita no coração de cada um. Os santos são modelos não tanto a imitar, mas um estímulo a acolher a graça de Deus e a sermos-lhe fiéis hoje, nas condições em que cada um vive, neste país, na igreja local, na fraternidade na qual professámos.

Santo António de Lisboa, grande discípulo de Cristo e do Pobrezinho de Assis, é, concerteza, ainda hoje em todo o mundo, o português mais conhecido e festejado. Deixa-nos felizes e orgulhosos por ter surgido em Portugal tão grande valor para a humanidade. É motivo da nossa devoção e tantas vezes nos ficamos aí: apenas ou pouco mais que devotos. A nós se pode aplicar a Exortação de S. Francisco:

«Disto deveríamos ter vergonha: que os santos tenham praticado boas obras e nós, só de contar e pregar o que eles fizeram, já daí queremos tirar honra e glória» (*Exortação 6^a*).

É bom que nos orgulhemos de tão grande figura de português que foi Santo António. É muito mais importante que aprendamos as maravilhosas lições que nos deixou, a sua vivência de Deus e o anúncio que d'Ele fez.

João Paulo II, por ocasião do Oitavo Centenário do seu nascimento, em 1994, disse: «A sua pregação, os escritos e sobretudo a santidade de vida oferecem, *também aos homens do nosso tempo*, indicações bastante vivas e estimulantes acerca do empenho que é necessário para a nova evangelização».

“OBESIDADE MENTAL”

Estamos todos cheios de palavras. São tão poucos os modelos credíveis. Quase ninguém ouve ninguém. E tantos gritam para serem ouvidos. Falámos de mais na família, nas comunidades cristãs, na fraternidade. Com alguma dificuldade percebemos que a voz que verdadeiramente se impõe é a do testemunho. A vida de cada um de nós deve ser o primeiro e eloquente meio de evangelização. Assim o ensinou S. Francisco: «Mas, com as obras, todos devem pregar» (1R 17, 3). Assim viveu Santo António: não obstante a ciência e eloquência, estas não ofuscaram nele a humildade e santidade. Permanece bem actual a palavra de Paulo VI: «o cansaço que hoje provocam tantos discursos ociosos não deve diminuir a permanente validade da palavra nem levar a perder a confiança